



De corpo à Qorpo: produção e percepção de performances corporais

Eva Beatriz Holland¹

RESUMO: Este trabalho visa a discussão a respeito de dois pontos: a) a interferência do indivíduo sobre a produção artística da cultura em que ele está inserido; b) e a influência desta mesma produção sobre a formação cultural do indivíduo. A análise é feita a partir da maneira pela qual o produtor artístico vê o público a que se destina sua arte, e a recepção do público que a contempla. Tudo isto considerando o período histórico e social no qual é produzida e, sobretudo, a herança cultural possuída pela sociedade. O principal objeto de análise é a produção teatral no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, após a influência de dramaturgos franceses do chamado “Teatro do Absurdo” que possibilitaram uma nova maneira cênica e dramaturgicamente de representação. Dramaturgia que passou a valorizar a idéia em lugar da forma, criando uma estética própria, sobretudo em relação à produção performática e simbólica não verbal. Esta discussão é conduzida pela análise teórica de alguns autores da escola sócio-antropológica francesa, dentre os quais destaco Marcel Mauss e Pierre Bourdieu, e ainda o antropólogo americano Clifford Geertz. O trabalho de campo contempla as instalações e performances da segunda formação do grupo Qorpo, da Unioeste de Toledo, grupo teatral com o nome de Qorpo-Santo, considerado o precursor do “Teatro do Absurdo”. Aos trabalhos realizados nos anos de 2005 e 2006 pelo grupo, comparo as idéias propostas pelo diretor, diferentes visões quanto a idéia do texto e sua materialização através das performances na percepção de membros do grupo e depoimentos do público, que compreende acadêmicos de diversos cursos de graduação daquela universidade, com relação a compreensão do texto não verbal.

Palavras-chave: Antropologia da Arte – Teatro do Absurdo – Qorpo-Santo - Grupo Qorpo.

Introdução

Sobre “cultura”, entende-se, em sentido amplo, “todo o conjunto de obras humanas”. (MELLO, 1987). Isto corresponde a todo o ato humano de transformação da natureza e leis naturais, transformação esta que implica na aquisição de hábitos, estabelecimento de leis e tabus, crenças, criação artística e outros aspectos, que diferem em cada grupo humano.

Tendo em vista a arte como uma das maneiras pelas quais o homem transforma a natureza e a usa como um dos conhecimentos possíveis para pensar e expressar o mundo, (HERSKOVITS: 1973; VANNUCCHI: 1983; MELLO: 2005; HOEBEL & FROST: 2005), podemos afirmar que ao nascer em uma determinada sociedade, o indivíduo – no caso específico o artista, produtor da arte – procura representar a realidade da experiência de vida do grupo no qual nasceu. Assim sendo, percebemos a influência de uma cultura sobre o artista quando este, ao fazer sua obra, a expressa de uma maneira estética e concreta específica, mas não determinada, e ali está presente o pensamento de e sobre uma sociedade, aquela que ele reconhece.

A História do Teatro nos remete à representações sociais e culturais da época em que a peça em questão foi escrita. Quando uso o termo “Teatro”, me refiro ao teatro

¹ Licenciada e bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste campus Toledo. E-mail: evabtzhld@yahoo.com.br.

ocidental que acredita-se ter “nascido” na Grécia por volta do século V a.C. ,passado historicamente pelo processo de expressões corporais em festas pagãs à cristianização, “descristianização” (seja pela refutação da igreja Católica ou por influências iluministas) encontramos também peças épicas onde o amor proibido representa a divisão de reinos, classes sociais e tabus. Não raro os fins moralizantes são o motor de tramas que projetam no palco personagens claramente reais, ou com intenções claramente definidas, utilizando-se de enredos, figurinos, cenários e demais objetos de cenografia que reportam o espectador a um fim definido por um começo e explicado por um meio. e que buscava, em meados do século XX, novas expressões que proporcionassem rupturas com as formas clássicas de representação.

Neste contexto, em meio a Guerras mundiais, revoluções totalitárias e demais fatores que resultaram no caráter pessimista do século XX, que alguns autores, dentre os quais destaco Samuel Becket, Eugene Ionesco e Arthur Adamov, propõe-se a uma nova forma de representação teatral, compilada e nominada por Martin Esslin, crítico teatral norte americano, como “Teatro do Absurdo”.

Estas manifestações teatrais se deram na França, palco de grandes transformações na área das artes e literatura, por reunir artistas e pensadores de todas as partes do mundo, que mantinham o propósito de representar a sociedade atual, porém, não mais seus mitos, mas a desconstrução deles (Esslin, 1968). O anseio do artista teatral do século XX foi buscar no palco formas de representações estéticas e verbais que condissessem com sua época.

O nome que Esslin deu à esta “escola Teatral”, que acreditou ter surgido com estes autores citados acima, se deve ao fato da proximidade existente entre estes e autores existencialistas, como Franz Kafka, Albert Camus e Jean Paul Sartre, que tentaram anteriormente usar a linguagem cênica e dramática conhecida para transpor ao palco teorias sobre o absurdo da condição humana. Porém, esta nova manifestação teatral não apenas falava sobre o absurdo, mas o representava tal como é, ignorando todas as noções de peça “bem feita”. A aproximação das peças que foram criadas a partir de angústias e preocupações de seus autores se dão basicamente na ausência de enredo e na desvalorização radical da linguagem: nessas peças não se vê a possibilidade de o discurso lógico levar à soluções válidas, nem a análise da linguagem levando à descoberta de conceitos básicos; Ausência de palavras ou coerência no discurso substitui a fala poética, consciente ou nítida pela desvalorização da linguagem, usando a forma concreta das palavras, traduzindo-as em imagens muitas vezes distintas de seu significado.

Encontramos também, uma grande proximidade no tocante à forma literária e cênica destes autores do século XX, com textos do dramaturgo brasileiro José Joaquim de Campos Leão (1829 –1883), o gaúcho “Qorpo-Santo”. Os textos deste autor foram “descobertos” na década de 1920, e suas peças foram encenadas pela primeira vez em 1966 em Porto Alegre, período em que os demais textos citados foram produzidos. Porém, Qorpo-Santo escreveu suas peças em 1866, aproximadamente 100 anos antes da explosão do chamado “Teatro do Absurdo”, o que levou alguns estudiosos a o considerarem o precursor desta “escola teatral”.

Sob a orientação de autores classificados como sendo “do Absurdo” e com textos de Qorpo-Santo, nasce o grupo Qorpo de teatro, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Campus Toledo, trazendo em sua primeira apresentação a adaptação da peça “Eu sou vida, eu não sou morte”, firmou o nome do autor no nome do grupo, bem como manteve o estilo teatral, até a segunda formação do grupo, a qual mesmo não trabalhando mais com textos clássicos do teatro do absurdo, mantém a essência da forma, construção de personagem, cenografia e figurinos propostos por esta escola teatral.

O objetivo deste trabalho é apresentar este estilo teatral implícito na formação do grupo Qorpo, compreendendo textos utilizados e adaptados, a proposta do primeiro diretor do grupo, Neuri Mossman em relação aos textos, o trabalho de construção de personagem e cenas, feito pelos atores, discentes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Campus Toledo, e a aceitação do público, acadêmicos da mesma Universidade.

Material e Métodos

O material utilizado foi, em primeira instância, textos sobre Antropologia, Antropologia da Arte, História do Teatro, biografias de autores do “Teatro do Absurdo”, comentários de críticos teatrais e os textos teatrais utilizados pelo grupo Qorpo, sendo estes, textos integrais e as adaptações feitas pelo grupo.

Para a realização da pesquisa, elaborei questionários abertos, com base no material recolhido, que foram direcionados a) ao diretor do grupo; b) a atores e equipe – assistente de direção e sonoplasta; e c) a acadêmicos de diversos cursos da Unieste / Campus Toledo, que assistiriam a pelo menos uma representação do grupo. Estes materiais foram analisados com base em textos antropológicos sobre cultura, arte, modo de percepção e produção artística.

Resultado e discussão

Ao analisar textos produzidos e / ou representados pelo grupo Qorpo, percebi a distância existente entre a proposta do texto, a proposta do diretor, de atores, e a leitura e recepção por parte do público.

Em sua subjetividade, o artista produz para alguém, que mesmo não sendo “artista” ou conhecedor da arte, é um ser dotado de pressuposto conhecimento – mesmo que no âmbito do senso comum – de sua sociedade e possuidor de igual subjetividade sobre o que é visto e vivido. Ao espectador pertence uma crítica que poderá delimitar o que será produzido, seja por conhecimento técnico, estético, teórico, ou simplesmente pela identificação do real e/ou plausível à sua cultura.

Certo é que a arte não deve ser vista como um ponto isolado, mas está intrinsecamente ligada a todos os demais elementos de uma dada cultura. Por exemplo, em nosso tipo de cultura, o produtor artístico trás em si fortes influências da cultura e/ou subcultura com a qual se relaciona: ao apresentar determinada forma de crer, determinada visão de leis e de mundo, e demais fatores que definem seu relacionamento com outros indivíduos, ele também apresenta determinada maneira de produzir ou seja, do fazer em si a expressão de uma “escola teatral” específica, a sua arte, a qual é influenciada tanto por aquilo que o torna um indivíduo, bem como pelas relações nas quais está inserido e pelas quais é reconhecido e valorizado como mediador deste conhecimento específico – afora o fato de que também o público é especializado para ser consumidor e circula num nível hierárquico distinto, no mesmo meio onde estão os artistas e os produtores artísticos.

Conclusões

Fadado ao desaparecimento pela crítica, o Teatro do Absurdo contrariou às expectativas, saindo rapidamente da França e encontrando repercussão mundial em menos de dez anos, inspirando muitos diretores a produzir e criar novas peças, transformando o Absurdo numa escola teatral.

“... o sucesso do Teatro do Absurdo em período tão breve, permanece um dos aspectos mais surpreendentes de um fenômeno por si mesmo surpreendente. Que peças tão estranhas e perturbadoras, tão nitidamente omissas nos tradicionais motivos de

atração da “peça bem feita”, pudessem em menos de uma década alcançar os palcos mundiais desde a Finlândia até o Japão, da Noruega até a Argentina, e que hajam provocado o aparecimento de um vasto corpo de obra nessa mesma convenção, tudo isso é em si comprovação forte e inteiramente empírica da importância do Teatro do Absurdo.” (24)

Concluo considerando que a arte, por ser fruto de relações sociais, não pode ser vista somente como um “produto de consumo” individual, que ao ser externada signifique apenas para o indivíduo que a produziu. A finalidade de toda forma artística é ser a expressão de uma visão possível, representada a uma sociedade que a reconheça, isto é, reconhecer no sentido mais amplo da palavra, indicando principalmente o ato de receptividade das pessoas de um produto que nasceu de uma sociedade e para uma sociedade, no qual estas possam se reconhecer, ou seja, identificarem-se com o que foi produzido, repensando, perpetuando suas tradições ou transformando-as no reconhecimento do produto individual como projeção do social. E em nossa sociedade, ao nosso século, esta produção artística, embora tenha sofrido adaptações e modificações e não sendo plenamente compreendida por toda a sociedade a que representa, pode ser apontada, por hora, como a manifestação artística que melhor represente nossa sociedade: fragmentada, absurda.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DUVIGNAUD, Jean. **Sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.
- ESSLIN, Martin. **O Teatro do Absurdo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989.
- _____. **O saber local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HERSKOVITS, Melville J.. **Antropologia Cultural**. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- HOEBEL, E. Adamson & FROST, Everett. **Antropologia Cultural e Social**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Textos escolhidos em Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- VANNUCCHI, Aldo**. **Filosofia e Ciências Humanas**. São Paulo: Loyola, 1983.